

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

Abdulrazak Gurnah



GENTE
DA CASA



cavalo de ferro

*De um modo geral, é muito difícil
sermos extraordinários.*

JOSEPH CONRAD, *Acaso*

PRIMEIRA PARTE

O casamento de Raya aconteceu às pressas. O pai descobriu que ela era alvo da atenção inequívoca de um jovem; olhares demorados ao início e sorrisos cúmplices de passagem. Depois, com os próprios olhos, viu a maneira como a detinha na rua e a entretinha em conversa durante vários minutos, porventura fazendo promessas irrealizáveis e conchavando algum encontro. Tudo isto à sua frente. Um comportamento impróprio e grosseiro, e desrespeitoso para com ele, o pai. Sabia quem o jovem era, razão pela qual a atenção que aquele dedicava à sua filha Raya o alarmava. Pior seria se fosse um desconhecido, é claro, mas uma calamidade já era má quanto bastasse. O nome dele era Rafik e, filho de vizinhos com os quais a escassez havia sido partilhada ao longo dos anos, fizera-se um rapazinho banal e conhecido que andava pela rua com outros rapazes e com eles jogava futebol na praia. Depois, aquando das convulsões e agitações para correrem com os Britânicos, juntara-se aos camaradas, como se auto-apelidavam, e tornara-se membro do Partido Umma. Em conjunto com outros companheiros, foi enviado para Cuba, onde recebeu treino militar, tudo isto debaixo dos narizes das autoridades coloniais britânicas, que ou não entenderam o significado da excursão ou se estavam marimbando. Era altura de partirem.

Rafik regressou mais encantador do que nunca, convertido num guerreiro esbelto e heróico com uma farda caqui verde e um boné hirto, uma novidade naquelas bandas. Ele e os outros camaradas voltaram mesmo a tempo de participar na revolução e no seu rescaldo.

Os guerreiros dessa altura, entre os quais Rafik se contava, sabiam apenas aterrorizar pessoas, visto não haver inimigos que combater, só cidadãos assustados e intimidados. E até essa palavra, cidadão, era alvo de contenda e de manipulação por parte dos heróis. Então achas que és um cidadão. Mostra lá a tua certidão de nascimento. Como assim, não tens? Muitas pessoas de uma certa idade não se tinham dado à maçada de requerer certidões, portanto o papel era apenas solicitado quando o desejo era humilhar ou intimidar, o mais das vezes ambas as coisas. Que grande parasita me saíste, a fazer a parte de que és cidadão! Punir, aterrorizar ou expulsar, só porque sim, eram algumas das bem-aventuranças de se estar no poder.

Em todo o caso, Rafik voltou de Cuba resplandecente na sua farda e boné que Fidel Castro adorava usar – ou, em alternativa, uma boina preta como a de Che Guevara –, cumprimentando os camaradas com saudações inauditas para toda a gente, mas que em breve se tornariam conhecidas: *venceremos, la luta continua, vamos*. Começou também a deitar olhares a Raya e, com sorrisos brincalhões, a meter conversa com ela na rua. Qualquer pessoa podia ver o que ele pretendia. Raya era uma beldade de dezassete anos e ele ganhara, entretanto, a fama de desaustinar raparigas.

Não gosto da maneira como ele fala contigo. Sabes como são as pessoas, ralhou o pai. Não tentes ludibriar-me. *Usindanganye*. Vi-te sorrir como se gostasses do paleio dele. Anda a arrastar-te a asa. Não percebeste isso? Vai-te desonrar. E vai-nos envergonhar a todos.

Raya protestou: Que podia ela fazer? Não ia fingir que não o conhecia. Não queria ofendê-lo. O pai varreu o ar com a mão, forçando-a desse modo ao silêncio, e depois, com outro gesto, ordenou-lhe que lhe desaparecesse da vista. Aconselhou-se com o irmão mais velho, Hafidh, que temia a desonra tanto quanto ele e que entenderia o seu pânico relativamente ao interesse de Rafik por Raya. Primeiro matam os nossos filhos e depois querem desonrar as nossas filhas, disse o irmão mais velho do pai. Ambos entendiam ao que ele se referia. Os irmãos procuraram desesperadamente alguém que a salvasse, a ela

e a toda a gente, da humilhação e da desonra. O pai tinha por hábito buscar a sagacidade do irmão quando lhe convinha ou quando precisava de dinheiro, ou por ambos os motivos, como naquela ocasião. É que qualquer solução com que viessem a topar iria por certo exigir dinheiro para custear celebrações, prendas e comida. O pai de Raya não havia sido abençoado com um dom para ganhar dinheiro, como o irmão mais velho, que, além de tudo, era generoso.

A pessoa que encontraram foi Bakari Abbas, um homem afável de quarenta e poucos anos, recentemente divorciado e de posses, que vivia em Pemba. Era empreiteiro e quem o conhecia encomiava-o, pelo que os pais de Raya combinaram a sua vida com ele. Quando o pai falou com ela, tomado de tristeza e autocomiseração, como era seu costume quando queria convencê-la a ela ou à mãe a concordarem com ele, Raya não viu que tivesse muito voto na matéria; ou aceitava a combinação que preservaria a respeitabilidade e a honra dos pais, e a sua, ou escolhia o soldado arruaceiro. Não ocorreu a ninguém ponderar se ela teria arriscado escolher o herói, mas ocorreu-lhe a ela. Reprimiu tal pensamento e não o partilhou com ninguém. Já seria demasiado tarde para tal, e talvez tudo acabasse por correr bem.

E foi assim que o pai, homem fraco, mas de índole autoritária, levou Raya a concordar com um casamento que ela receava vir a detestar. Suportou os preparativos, intensos e repentinos, e os conselhos de tias e de outras pessoas que mal conhecia, que a lavaram e afagaram e lhe ensinaram a sujeição à concupiscência masculina, lhe sussurraram que a estima pelo marido a aprimoraria e tornaria mais cativante, que o afecto dele lhe preencheria a vida, e que Deus abençoaria os frutos. Então, na noite da sua captura, deitada na cama de Bakari Abbas, conheceu pela primeira vez o choque de sentir um corpo ávido e imperioso sobre o seu, passivo e submisso. Não pôde resistir, nem naquela noite nem nas seguintes, porque fora ensinada a não o fazer. O marido estava no seu direito e o dever dela era sujeitar-se.

Bakari Abbas era um homem bem-apessoado, bonito até, elegante, forte e de estatura média, bem acima de um metro e meio de altura.

Era afável para toda a gente, um homem de negócios que evidenciava a delicadeza e os rapapés típicos de alguém dedicado à sua profissão, mas para Raya era às vezes brusco e implacável, exigindo que se lhe entregasse todos os dias, às vezes duas ou três vezes por dia. Estranho e assustador ao início, este comportamento foi-se tornando cada vez mais dilacerante e humilhante, mas Raya cedia, porque não sabia que mais fazer. Dizia a si mesma que todas as mulheres passavam por aquilo, todas suportavam aquelas invasões enérgicas necessárias para satisfazer o marido e encontrar algum prazer para elas mesmas. Podia ter sido mais astuciosa, podia ter fingido que sentia prazer para moderar o anseio que ele revelava em fazê-la render-se, capitular, só que contra Raya estavam a sua juventude e a repugnância que sentia. Retraía-se inevitavelmente, de cara franzida e olhos fechados com força, quando o marido dela retirava prazer. Ele ria-se ao vê-la tão encolhida e tentava persuadi-la com murmúrios e beijinhos, e, constatando que tal não resultava, exigia que reagisse jubilosamente ante os seus esforços. A relutância e resistência tácita de Raya só reavivavam a determinação de Bakari Abbas em despertá-la, como ele dizia. Nesses momentos, via-o então sorrir. Vá, meu *bulbul*, dá-me um pequeno gemido de prazer, murmurava ele enquanto martelava a sua pélvis ossuda contra a carne macia das coxas abertas de Raya.

Ela aprendeu a tornar o acto mais fácil para si mesma, a escapar à dor preparando o corpo para o receber, aprendeu a adquirir algum controlo para não estar sempre à mercê dele, a adiar e a atrasar, e a fingir o prazer. Dizia que não quando podia e dava luta quando ele a censurava, retribuindo as ameaças fanfarronas com injúrias cruéis. Era um pesadelo acerca do qual não podia falar com ninguém, e havia alturas em que se interrogava se não se teria saído melhor com o esbelto Rafik, embora soubesse que não, uma vez que este acabara morto a tiro numa orgia sanguinária um ano após o seu casamento.

As discussões com Bakari pareciam não ter fim e a situação piorou depois do nascimento do filho, Karim. Bakari foi-se impacientando

cada vez mais com a relutância de Raya em deixá-lo deitar-se com ela depois do parto, e os seus acessos de raiva ao ser contrariado eram ofensivos e descontrolados. Os relatos da sua bonomia não eram exagerados. Pelo que ela podia observar, Bakari era encantador com outras pessoas, reservando toda a sua crueldade para ela, e sentia prazer nisso, e Raya temia que um dia a maldade dele se tornasse violenta. Não sabia se seria melhor encolher-se e tremer à frente dele como prova da sua capitulação, o derradeiro desejo de Bakari, ou ser obstinada e injuriosa como paga. Aprendera a viver com o desprezo dele e com a aversão que sentia por si própria, mas receava pela segurança do filho. Interrogava-se se a vida também era daquela maneira para a maioria das mulheres, se viviam aterrorizadas. Porque não falavam daquilo? Raya não sabia com quem podia falar.

No fim, tendo planeado tudo em segredo, abandonou o marido e regressou a Unguja quando Karim tinha três anos. Foi visitar os pais e recusou-se a voltar. A vida com Bakari Abbas tornara evidente a futilidade da obediência que a educação lhe ensinara e enfurecera-a por fim a ponto de se rebelar contra ela. Ignorou as mensagens que ele lhe enviou a chamá-la de volta, bem como a ameaça de se divorciar dela sem lhe dar um centavo. Ignorou também as suas invocações da lei, a civil e a religiosa, para exigir o regresso do filho. Assim, em resumo, separaram-se acrimoniosamente, da parte dela com uma aversão profunda à violência e à concupiscência promíscua de Bakari, e à coerção que a forçara a desposá-lo, da parte dele com ultraje, de que deu conta recusando-se a estender-lhe qualquer apoio financeiro, jamais. Podia ter sido forçado a isso, pela lei ou mesmo pela prática consuetudinária, mas Raya, demasiado ressentida e desalentada, e não obstante a insistência do pai e do tio, recusou. Não podia ser sincera com eles em relação às crueldades de Bakari. Tinha demasiada vergonha. A única coisa que conseguiu dizer foi que discutiam o tempo todo e que não queria viver daquela maneira. E proibiu-os de pedirem a Bakari um centavo que fosse.

Raya e Karim mudaram-se para a casa da família, onde viviam com o pai e a mãe de Raya. Os pais arrendaram duas divisões sombrias no primeiro piso de uma casa, e partilhavam a cozinha e a casa de banho com os inquilinos do piso de cima. Raya achava as divisões acanhadas e toda a casa lhe cheirava a azedo. Havia um beco estreito entre a casa e a do lado, e os homens que passavam na rua usavam-no às vezes como urinol. Karim dormia no chão do quarto dos avós e Raya estendia a sua esteira na outra divisão quando eram horas de dormir. Raya mudou-se com relutância, avessa ao regresso às celas sufocantes onde crescera, embora algo aliviada por poder partilhar com a mãe os deveres da maternidade. O pai também não estava feliz com o seu retorno. Raya temia-lhe os modos ditatoriais e a coacção passiva. Ninguém me ouviu chamar? Este café está frio, está amargo, está fraco. Somos assim tão pobres que não possamos comprar café de jeito? Porque é que ninguém me ouviu? Onde está a água do meu banho? Doem-me as costas. Não consigo dormir com a barulheira no piso de cima. Mas vocês, mulheres, não se calam nem um bocadinho?

Para Raya, a qualidade redentora do pai costumava ser o seu talento para contar histórias, histórias essas que haviam encantado a sua infância. Acreditava que eram verdadeiras, e, mesmo quando sabia que não eram, não conseguia descartá-las como fictícias. Compreendeu mais tarde que ele não inventava as histórias, mas antes que as ouvira quando criança, tal como a sua mãe, só que esta não tinha o dom do pai e esquecia muitas vezes pormenores importantes. O pai contava as histórias com grande mestria, afectando vozes e tons diferentes, escolhendo fábulas quando ela era menina e, mais tarde, fantasias e aventuras passadas em todo o mundo. Mas as histórias acabaram, e Raya sabia porque assim era. Depois da revolução, uma amargura tomara conta do coração do pai, e as histórias foram substituídas por recitações de injustiças e agravos.

A minguia de histórias estava também relacionada com o que sucedera ao seu primo Suleman, filho de Hafidh, o irmão mais velho do

pai. Suleman juntara-se às novas forças de segurança que haviam sido formadas com o avizinhamento da independência. Ao mesmo tempo que Fidel Castro treinava os camaradas para que voltassem e fizessem a revolução, o novo governo que tomaria as rédeas do país após a independência criava uma força policial paramilitar com o fito de garantir a segurança. A polícia existente era, de acordo com o novo governo, uma criação imperial planeada para controlar os seus súbditos coloniais. A nova força de segurança seria um recomeço, uma unidade para proteger os cidadãos, não para os intimidar. Foi o que prometeram, pelo menos. A maioria dos recrutas tinha acabado os estudos pouco antes e quase todos estavam no fim da adolescência. O comandante da unidade era britânico porque, mesmo depois da independência, a transferência do poder para o novo governo não estava terminada, e porque não usar os seus conhecimentos? Corriam rumores de um tumulto planeado e o comandante não queria arriscar que a população arrombasse o arsenal enquanto ele estava numa qualquer festa combinada de antemão. Assim sendo, mantinha as chaves do arsenal no bolso, ou talvez em casa, na sua pasta, ou quiçá noutro lado qualquer. Fosse como fosse, deixou os adolescentes desarmados no quartel, e os jovens, que pouco ou nenhum treino tinham recebido, que não faziam ideia de como proceder, que não tinham como defender-se, foram estraçalhados. Foi o acto inaugural da revolução. O filho de Hafidh, Suleman, foi um desses rapazes. Alistara-se mal o ano escolar terminara, em Dezembro, e estava há apenas quinze dias no quartel.

Não conseguiram encontrá-lo, nem entre os feridos nem entre os mutilados, e nem entre os mortos, e no rescaldo do sucedido e das histórias que vieram depois e da bazófia dos vitoriosos, restou-lhes presumir que se contaria entre os desaparecidos. Os irmãos nunca falavam do rapaz entre si, excepto quando o nomeavam durante as orações. A mãe chorou por ele e, no seu pesar, achou-se inútil e indigna de continuar a viver. Para o Baba, foi um desgosto enorme, embora não fosse o pai enlutado. Alguma coisa se quebrou dentro

dele, e as histórias esgotaram-se ou deram lugar a lamentações amargas. Com o passar do tempo, a memória das primeiras histórias que lhe contara foi-se esmaecendo, mas ainda recordava que algumas eram divertidas e ternas. O pedinte acusado de roubar o aroma do banquete do sultão e a maneira como Abunuwas o ajudou a pagar por isso lançando moedas para o chão do palácio e pedindo ao sultão que aceitasse o tinido do dinheiro como pagamento. E havia outra sobre uma avestruz que se metia em sarilhos cujos pormenores ela já não recordava. Havia uma outra bastante sinistra acerca de um castelo que ficava no topo de uma montanha magnética e que não podia ser tomado porque, quando o inimigo se abeirava dele, as suas espadas e lanças lhe eram arrancadas das mãos e voavam para a encosta da montanha. E ainda uma sobre umas irmãs muito requintadas que comiam arroz com uma agulha, um bago de cada vez. A recordação das histórias não compensava os intermináveis resmungos e queixumes, que se tornaram mais prolixos e acerbos com a idade. Era mais forte do que ele, Raya sabia-o, mas não deixava de ser difícil testemunhar e tolerar os achaques do pai.

A mãe tinha de lhe fazer uma massagem todas as manhãs, ao acordar, e todas as noites, ao deitar, e, de permeio, em qualquer altura que ele desejasse. Ajoelhava-se, começava no pescoço e nos ombros, e ia avançando até aos dedos dos pés enquanto ele gemia com um contentamento masoquista. Finda a massagem matutina, vestia-se e aguardava a primeira chávena de chá do dia, acompanhada de um *maandazi* acabado de fritar. Na maior parte das vezes, o chá não estava como ele queria ou o pãozinho frito era demasiado doce, ou havia outra coisa qualquer que não cumpria os seus requisitos. Quando Raya voltara com Karim, o pai tentara recrutá-la para a força laboral que lhe servia as necessidades, chamando-a para o massajar quando a mãe estava ocupada, mas ela resistia, ignorando-o não obstante as suas reclamações.

Raya era então uma beldade de vinte e um anos, se bem que não tivesse total consciência disso. Em todo o caso, a atenção dos homens

não lhe interessava. Já tivera o suficiente desse tipo de avidez, e só queria ser deixada em paz e encontrar alguma banalidade e aprazimento. Estar de volta ao lar paterno constituía uma segurança para ela e para o filho, mas surpreendia-a a prontidão com que entregara os cuidados de Karim à sua mãe. Contudo, à medida que o sentimento de culpa se dissipava, começou a olhar para a criança, que associava a um período conturbado da sua vida, com uma maior indiferença. Aos olhos do pai, era jovem o bastante para ser uma fonte de desonra e ignomínia. Pensa no teu filho, alegava ele. Vai crescer sem pai. O teu marido tem o direito de exigir o regresso do filho. Volta para ele. É o teu dever, o teu filho precisa do pai. Ou então deixa-nos arranjar-te outro marido. O divórcio não é o fim do mundo, não é problema nenhum.

Raya abanou a cabeça e murmurou para si mesma: Belo serviço que fizeram da primeira vez. Nenhum argumento a convenceria a voltar para Bakari Abbas.

Karim tinha um irmão mais velho, Ali, que era filho de uma outra mãe. A mãe de Ali, Mamkuu, divorciara-se de Bakari Abbas quando o filho tinha oito anos e mudara-se com ele de Pemba para Unguja. Cerca de seis anos depois desse divórcio, Bakari Abbas casara com Raya, portanto os rapazes tinham cerca de dez anos de diferença.

Ali ainda frequentava a escola quando Karim e a sua mãe regressaram a Unguja. Os irmãos não eram minimamente parecidos. Aos catorze anos, Ali tinha já as feições e a constituição que viriam a definir-se quando adulto. O rosto exibia traços acentuados, como os do pai, mas era mais baixo do que este, dois centímetros e meio abaixo do metro e cinquenta e dois, e o corpo musculado indiciava uma tendência para, mais tarde, se tornar atarracado, ao passo que o do pai era esguio e descarnado. Não obstante a semelhança nas feições, o rosto de Ali não escondia a malandrice típica da juventude e desfazia-se facilmente em sorrisos. Adorava o mar e a companhia dos pescadores, muitos dos quais eram também rapazinhos, pouco mais velhos do que ele, que viviam na vizinhança e com os quais brincara na infância. Acontecia faltar às aulas e ir pescar com os amigos, e se bem que tentasse esconder da mãe o absentismo, esta acabava por descobrir.

Sinto em ti o cheiro do mar. Faltaste outra vez às aulas, diria ela, e ele pendia a cabeça num acto de contrição tão exagerado que a mãe lhe dava uma palmada ao de leve, em lugar da sova que ele merecia.

Mamkuu, a mãe de Ali, não gostava de ver o filho na companhia dos pescadores, porque tinham a fama de armar sarilhos e de fumar haxixe, ou melhor, ao contrário, fumavam haxixe e tornavam-se insolentes e desordeiros. Ralava-se que Ali faltasse às aulas, que andasse a pavonear-se pelas ruas, e ralhava-lhe sem cessar, e sem efeito. Ele prometia portar-se bem, mas apenas dissimulava melhor as travessuras. Amava a mãe e não queria que ela se ralasse, mas também adorava andar no mar. Era um rapaz forte e sabia tomar conta de si mesmo, e, na verdade, a sua Mãe não tinha motivos de preocupação.

Não era que detestasse a escola. Fizera amigos entre os colegas e divertiam-se muitas vezes a expensas dos professores. Ali era o maior comediante da escola, capaz de fazer os outros rapazes rir sem qualquer esforço. Um dos seus talentos era parodiar a maneira como os professores andavam e falavam. Ali era capaz de imitar a maior parte deles, as suas passadas, as posturas desleixadas, as arengas intimidadoras, ao som das gargalhadas dos outros alunos, que ocasionalmente se juntavam a ele. O seu melhor arremedo era o do professor de Matemática, um homem que os aterrorizava com a sua violência e silêncios cruéis. Não havia aula em que um aluno não fosse esbofeteado ou obrigado a levantar-se à força e vergastado nas costas. A Matemática era uma disciplina na qual Ali claudicava, de qualquer das maneiras, e o clima de terror que o professor instaurava fazia com que lhe fosse impossível concentrar-se em mais do que sobreviver até ao fim do período lectivo. Numa certa ocasião, Ali exibiu-se em frente à turma, imitando a maneira peculiar de andar daquele professor e fulminando os rapazes com o olhar enquanto eles riam à socapa do seu espectáculo, quando o professor, em carne e osso, entrou na sala. As nádegas de Ali formigaram e o estômago revirou-se, mas não perdeu a compostura e regressou ao seu lugar. Ainda mal dois passos tinha dado quando o professor lhe aplicou um calduço na nuca com tal força que Ali quase desmaiou. Foi um herói nesse dia, porque manteve um sorriso na cara, mas nunca mais voltou a arremedar aquele professor.

Muito do que se esperava dele na escola era entediante, na sua opinião, mas esforçava-se o suficiente para manter a auto-estima e não ser apontado como burro. Havia também a Educação Física. Ali era um desportista tenaz, qualidade que fazia dele um competidor (não um vencedor) e que o ajudou a entrar para a equipa de futebol da escola, na qual assumiu a posição de defesa e era visto como um jogador duro e disciplinado.

Karim era esguio como o pai, e partilhava dos traços acentuados que Ali também herdara, mas além disso tinha os olhos enternecedores da mãe. Em criança, esses olhos pareciam muitas vezes à beira das lágrimas. Ao contrário do irmão mais velho, vivaz e sorridente, Karim era dado ao silêncio quando abordado e a amuos quando contrariado. Os irmãos não tinham muito que ver um com o outro, porque as mães não se davam, ou não se davam à maçada de travar conhecimento. Mamkuu tinha quase quarenta anos, mais vinte do que Raya. A diferença de idade entre elas era demasiado grande para que fossem amigas, achava Raya, e talvez sentisse alguma vergonha por se ter deixado forçar a aceitar as circunstâncias que a mulher mais velha conhecera e rejeitara. Suspeitava que Mamkuu a desprezava por ter cedido de uma maneira tão submissa, se bem que ela tivesse aturado Bakari Abbas durante muito mais tempo do que Raya.

A diferença de idade entre os irmãos era uma desvantagem, quando se conheceram. Não se pode esperar que um rapaz de catorze e outro de quatro tenham muito para partilhar, sobretudo quando um é um malandrete descarado e o outro um menino desconcertado pelos acontecimentos que tinham dominado a sua vida. Além do mais, viviam em partes diferentes da cidade, e Karim em especial era demasiado jovem para deambular pelas ruas, onde Ali se encontraria muito provavelmente, daí que a probabilidade de se cruzarem por acaso fosse reduzida. Com o passar dos anos, acabaram por conhecer-se melhor, de uma maneira ou de outra. Durante o Eid, tanto Karim como Ali iam apresentar os cumprimentos à mãe um do outro, e havia ocasiões em que se cruzavam num evento qualquer ou num jogo. Quando Karim

entrou na escola, Ali terminara os estudos e juntara-se à Guarda Fiscal, que para Mamkuu era preferível aos pescadores, porque ao menos estava do lado certo da lei.

Karim foi para a mesma escola que Ali frequentara e os professores eram praticamente os mesmos. Sabendo que eram irmãos, comparavam o comportamento e as proezas de ambos, como é costume dos professores. À medida que Karim foi avançando nos estudos, essas comparações foram-no favorecendo; os professores elogiavam as suas aptidões e o modo de ser, calmo e obediente, tão diferente da conduta provocadora e aborrecida do irmão mais velho. O teu *kaka* era um diabrete quando aqui estudava. O director da escola, que vivia a duas ruas de Karim, disse certa vez à mãe, Raya: O seu rapaz é uma jóia. A conversa chegou aos ouvidos de Ali, que deu uma risada prazerosa e recordou as travessuras dos seus tempos de estudante. Quando via Karim na rua, perguntava-lhe sempre primeiro pelos estudos. Que tal vai a escola? És o melhor da turma? Incentivava-o a gabar-se dos seus mais recentes triunfos, algo que Karim jamais sentia relutância em fazer. Por vezes, mesmo sem que lhe pedisse, partilhava um qualquer sucesso recente. Ali perguntava depois pela tia, que era a sua maneira de se referir à mãe de Karim. Se Ali estivesse acompanhado, apresentava Karim como o seu irmãozinho inteligente e dava-lhe umas palmadinhas no ombro, numa atitude protectora. Karim adorava estes encontros e inchava de orgulho de cada vez que Ali lhe contornava os ombros com o braço ou lhe dava palmadinhas amistosas. Adorava aquelas manifestações de apreço.

Raya, a mãe de Karim, tratava-o como um pertence que estimava, mas cujo bem-estar não se importara de entregar aos pais. Não era uma situação muito invulgar, que uma tia ou uma avó se tornasse a figura materna, ou que uma criança crescesse com a noção de que tinha mais do que uma «mãe». Tal podia dever-se à juventude da mãe verdadeira, à sua incapacidade para lidar com uma prole demasiado grande. Raya tinha, entretanto, a sua própria vida, um emprego numa

grande loja de roupa que lhe permitia satisfazer o seu amor pela moda. Adorava aconselhar as clientes sobre os melhores estilos e combinações, e mostrar-lhes as mais recentes novidades. Fez assim algumas amigas e começou a compensar os anos de infelicidade a que o pai a condenara.

Era a avó quem se ralava com Karim, quem o acordava de manhã e lhe dava o chá antes de o mandar para a escola. Era a ela que Karim relatava as mais espectaculares descobertas do dia: a perturbadora revelação de que o centro do mundo era feito de lava líquida, as histórias que lia no seu livro de mitos gregos, a decapitação da Medusa, o homem que roubara o fogo aos deuses gregos, os trabalhos de Hércules. Lia-lhe as viagens de Sindbad que estavam num dos seus manuais. Acontecia ela ficar muito duvidosa do que ouvia, como com a história do cavalo de Tróia. Deviam ser muito ingénuos, aqueles troianos, para caírem num truque assim. Era ela quem lhe punha a urticante tintura de iodo nos joelhos quando ele caía e os esfolava, e esfregava-lhe um linimento odoroso no tornozelo ou no pulso ao vê-lo chegar a casa em pranto após uma queda. Karim adorava o cheiro do linimento e também a palavra. Linimento. Quando não havia ninguém por perto, desarrolhava o frasco e cheirava o seu conteúdo, encolhendo-se com uma careta mal o pungente aroma lhe chegava ao nariz.

Em poucos e breves anos, o irmãozinho cresceu num ápice e não tardou a ficar mais alto que o mais velho. Com um intervalo de poucos meses, Ali encostava-o à parede e marcava a sua altura. *Yallah*, mais pareces um coqueiro, és só tronco e nada de carne, comentava ele. Karim tornou-se um rapaz esgalgado, de voz suave e senhor de si, cujo olhar resolutivo tinha o condão de desconcertar os adultos. Ali orgulhava-se do irmãozinho e passava muitas vezes lá por casa para irem dar um mergulho ou a um jogo de futebol, ou apenas para dar um passeio com ele.

Bakari Abbas, o pai, faleceu quando Karim estava na escola secundária. Nos últimos anos de vida, foi atormentado pela diabetes e por

uma maçadora próstata hipertrofiada, mas recusara a recomendação de a reduzir cirurgicamente, porque o médico o alertara que a diabetes podia interferir com a anestesia ou provocar outras complicações. Não compreendeu tudo o que lhe foi dito, mas achou a cirurgia perigosa e escolheu viver um pouco mais e aguentar as dores. Só que não viveu muito mais, já que o seu coração deixou de bater de repente. Tinha cinquenta e oito anos quando morreu.

Karim não tivera nenhum contacto com ele, depois de terem saído de Pemba, porque a mãe proibira qualquer aproximação. Não explicara porquê, mas a expressão dela e o gesto depreciativo que o nome dele provocava deixava claro que não tinha tempo a perder com tal pessoa. Karim não sabia o que o pai fizera que não podia ser mencionado, mas imaginava que fosse uma coisa má, pelo que a sua morte não lhe causou grande desgosto, apenas algum pesar pelo facto de o rancor entre os pais o ter deixado sem algo que outras pessoas tomavam como garantido. Era uma excepção que o envergonhava, em criança, e às vezes falava do pai que vivia em Pemba como se o conhecesse e fossem chegados, quando na realidade o vira pela última vez havia onze anos.

Karim costumava interrogar-se quanto ao motivo por que os pais como os seus, negligentes e desaparegados, se davam ao trabalho de ter filhos. Tinha apenas uma recordação vaga do pai, e a mãe censurava-o com frequência pelos seus despautérios, como ela os apelidava, e dir-se-ia que o achava irritante, e raras vezes se sentava à conversa com ele, como a avó fazia. Acontecia a mãe surpreendê-lo com aquele seu sorriso lânguido que ele tanto adorava, e até com um abraço ou uma carícia, mas o mais habitual era dirigir-se a ele com um resmo-neio ou uma ordem rabugenta. Pára com essa correria, que barulheira é essa, *kisirani we*. Porque não vais para a rua brincar com as outras crianças? Não sabia quando começara a pensar daquela maneira, e porventura, no início, não pensara no assunto de uma maneira tão coerente e sucinta como então, mas desde tenra idade que conhecia a frustração que tudo aquilo lhe causava. Faria as coisas de maneira

diferente quando fosse pai, disso tinha a certeza. Garantiria que a criança sabia que tinha sido querida e que era amada. Isto, é claro, se alguma vez se desse ao trabalho de ter filhos. Só muito mais tarde partilhou estes pensamentos, porquanto lhe pareciam ingratos e até pecaminosos, e por essa altura já não tinham a mesma importância de outrora.

Ali havia sido um filho mais atencioso e visitara o pai com regularidade em Pemba, antes de este morrer. Fora dessa maneira que Karim ficara a saber o pouco que sabia acerca do pai, incluindo os seus problemas de saúde. Raya dizia que as visitas a Pemba não passavam de um estratagema deliberado por parte de Mamkuu, a mãe de Ali. Aquela mulher é uma ardilosa. Manda o filho para garantir que ele herdará o que o pai deixar.

Foi assim que as coisas se passaram. Bakari Abbas tinha voltado a casar, depois de Raya, por isso não passou os últimos dias de vida sozinho. A mulher herdou a casa onde viviam, com todos os seus haveres, mobília, esteiras, tachos e panelas, e Ali herdou o que restava do negócio. Nem a mãe de Ali, Mamkuu, nem a mãe de Karim ou Karim foram contemplados no testamento de Bakari Abbas, e se bem que Raya pudesse ter contestado o testamento ao abrigo da lei religiosa, para reclamar a parte de Karim, preferiu escarnecer da má vontade de Bakari Abbas. Mamkuu ficou satisfeita com a herança de Ali, e ele também. Ali vendeu o negócio, casou com Jalila, da qual estivera noivo muito tempo, e comprou a casa onde entretanto viviam, em Unguja. Mamkuu não quis sair de sua casa, que herdara da mãe muitos anos antes. Ali era então um funcionário alfandegário efetivo no porto, com uma farda sempre bem engomada e uma passada confiante e determinada. Era um homem recém-casado com um lugar no mundo.

Por alturas da morte de Bakari Abbas, a mãe de Karim já não vivia com os pais, ou pelo menos não vivia permanentemente com eles. Arrendara um quarto num apartamento onde uma das suas amigas vivia com a mãe e ia a casa dos pais amiúde passar uns dias

com o filho. A frequência destas visitas foi rareando com o passar dos meses, até que acabaram por cingir-se a um par de horas. Não era lugar para um rapaz adolescente, dissera Raya, por isso Karim teria de ficar com os avós. Estas divisões são asfixiantes, explicou ao filho, em murmúrios para que a mãe não a ouvisse. Sufoco aqui, não aguento mais. Tudo cheira mal e a velho, é a sujidade de anos. A casa de banho é imunda e o beco tresanda a urina. E tu... tu estás a ficar demasiado crescido para dormires no mesmo quarto que os teus avós.

Que hei-de eu fazer? Quando não estás cá, durmo neste quarto. Não gostas que durma no mesmo quarto que tu, resmungou ele, magoado com as críticas dela.

Então podes ficar com ele, disse-lhe a mãe, sorrindo do tom de amuo infantil na voz de Karim. Estás à vontade para ficar com ele.

Uns meses depois de o pai de Karim ter morrido, a avó teve um colapso súbito. Era habitualmente uma mulher incansável, sempre a primeira a levantar-se, aquecia água, fazia o chá, lavava a roupa, cozinhava, limpava, do nascer ao pôr-do-sol e para lá disso, e sempre a última a ir deitar-se. Certa manhã, não conseguiu levantar-se da cama, onde ficou estendida de olhos abertos, arquejando suavemente. O seu colapso causou grande consternação em casa. Teve força suficiente para mandar Karim ir chamar Raya para que ela se ocupasse da cozinha e das necessidades do pai. Na noite do segundo dia que passou de cama, morreu sem o mínimo espalhafato, findando-se tão discretamente quanto vivera. Seguiram-se as formalidades da morte, que tomaram conta dos dias: a lavagem do corpo, a preparação para o enterro, as orações, o funeral a que só o seu marido e Karim podiam assistir e as leituras na mesquita e em casa. Para Karim, foi como se tudo de repente tivesse atingido um ponto crítico. O pai ignoto e distante morrera, depois a avó desaparecera da noite para o dia e a mãe já não vivia com eles.

É melhor ficares e tomares conta do teu avô, disse Raya. Eu peço aos vizinhos de cima que te preparem o almoço e eu passo aqui todos os dias, não te preocupes. Vai correr tudo bem.

Espero que sim, respondeu ele, amuado, mas ela não fez caso disso.

O que Karim não sabia, mas estava prestes a descobrir, era que a mãe andava há algum tempo a tratar da sua partida. Há quase um ano que Raya mantinha um caso discreto com um homem de Dar es Salaam chamado Haji Othman. Conheceram-se quando ela foi a Dar visitar uma amiga. Desse encontro não resultou grande coisa, excepto o facto de ela ter apreciado o aspecto dele e a sua atitude alegre e bem-disposta, e de ter passado cerca de dez minutos à conversa com ele no seio de um grupo de pessoas. Então, uns dias depois de Raya ter voltado, ele telefonou-lhe para a loja de roupa onde ela trabalhava. Vou a Zanzibar para a semana e pensei que podíamos encontrar-nos para almoçar. Mais tarde, Raya ficou a saber que ele pedira informações suas à amiga comum que tinham em Dar e que lhe perguntara se ela era comprometida. Ao descobrir que não, pedira o número de telefone da loja à tal amiga e esta cedera-o sem qualquer hesitação, porque gostava de Haji e de Raya, e tinha curiosidade em ver no que aquilo daria. Foi assim que começou. Ele foi então a Zanzibar, almoçaram juntos e depois disso ele passou a telefonar-lhe com maior frequência, e a coisa evoluiu discretamente a partir daí. Raya deslocava-se ao hotel quando ele ia a Zanzibar, e noutras ocasiões viajava ela para Dar. Uns meses mais tarde, começaram a falar de casamento. Por essa altura, Raya vivia já de forma permanente no quarto arrendado. A morte da mãe precipitou a sua decisão. Não tinha qualquer intenção de tomar o lugar da mãe como criada do pai.

Karim abeirava-se dos quinze anos quando a mãe voltou a casar e seguiu o marido para Dar es Salaam, onde este geria uma farmácia, na Fire Station Road. Na altura, Karim não desgostava de viver na casa que a mãe com tamanho rancor menosprezava, muito embora não lhe agradasse a impavidez com que ela contava que ele tomasse conta do avô rabugento. Os vizinhos de cima cozinhavam as refeições, que ele ia buscar quando voltava da escola e tratava de servir. Saía-se muito bem na escola, era apontado pelos professores e pelos

colegas como extremamente talentoso, e não acalentava nenhum desejo de se mudar para Dar es Salaam, onde nunca estivera. Sabia que o avô, habituado a ter as suas necessidades diárias satisfeitas com minúcia, compreendia que não podia exigir a mesma atenção dele, um rapaz adolescente que não sabia cozinhar nem preparar o pequeno-almoço como devia ser, não tinha paciência para lhe fazer as massagens todas as manhãs e todas as noites, não sabia tratar da roupa e passava o tempo livre a jogar futebol, a deambular pela rua com os amigos ou com a cabeça enfiada nos livros. E assim foi que, pouco depois da partida de Raya para Dar es Salaam, o avô deixou as duas divisões que arrendava e foi viver com a família do irmão mais velho. Karim mudou-se também para casa do irmão mais velho, Ali, e da sua mulher, Jalila, que o acolheram sem hesitação.

Esta casa é nossa. Comprei-a com o dinheiro que o nosso pai me deixou, portanto é tua também, disse Ali no final da primeira refeição de que desfrutou na sua nova casa. Jalila estava presente e acenou categoricamente com a cabeça, a sua maneira de ratificar qualquer afirmação feita por Ali, veio Karim a perceber com o passar do tempo. O assunto não carecia, portanto, de mais discussão.

No entanto, prosseguiu Ali com um sorriso traquinas, um dia haverá crianças a correr escadas acima e escadas abaixo, mas isso é só lá mais para a frente, *hey habibi*. Por agora, o que está certo é que o meu irmão mais novo venha viver com a família.

Era uma casa pequena e estreita perto do bairro de Mnazi Moja, atrás da antiga madraça, entretanto ocupada por uma agência de viagens. A casa tinha dois pisos, com um quarto e uma cozinha no andar de cima, e um patamar amplo que servia de zona de refeições e que era onde às vezes se sentavam à conversa. A casa de banho ficava no piso térreo, bem como uma divisão ampla junto à porta da frente, que se tornou o quarto de Karim. A enorme janela gradeada que dava para a rua tinha portadas que era preciso manter fechadas quando se ausentava. Também convinha fechar as portadas inferiores, mesmo quando estava no quarto, para ter alguma privacidade

dos transeuntes, que não se coíbiam de espreitar quando passavam, parando inclusivamente por um momento ou dois para levarem a cabo verdadeiras inspecções. Da parte da tarde, o sol desenhava um quadrado luminoso que se ia arrastando pela parede lateral, revelando a textura grumosa da argamassa de cal. Uma cama de ferro, uma pequena escrivaninha e um *mkeka*, um tapete de palhinha áspero ao toque, mobilavam o quarto.

É o quarto de um estudioso, perfeito para ti, disse Ali com o seu jeito trocista. É tão bom ter-te aqui connosco. Mas escuta, tens de levar isto a sério. Tanto a Jalila como eu não tivemos sorte com os estudos; no meu caso, a culpa foi da minha malandrice. Para ser franco, estava deseioso de acabar os estudos. A escola que a Jalila frequentou não lhe ensinou grande coisa. Nunca havia professores suficientes, às vezes era um para mais de cem alunos. Ninguém impunha a ordem, o caos e a intimidação reinavam, havia poucos livros e quase nenhuma mesas ou cadeiras. Estava tudo partido e sujo. No nosso tempo, barulho e indisciplina era o que a escola tinha para oferecer. Estás-me a ouvir? Tens mais sorte do que nós, e bem que a mereces. Tens uma boa cabeça, um grande cérebro. A escola onde estás agora é uma, de apenas duas, que funciona como deve ser, e tu sabes porquê, não sabes? Por ser onde os canalhas do governo que ainda não roubaram o suficiente e, portanto, não podem mandar os filhos e as filhas para colégios privados no estrangeiro põem os filhos a estudar. E tu entraste porque és inteligente e passaste o exame de admissão com distinção. Tens de aproveitar ao máximo a tua boa sorte.

Jalila nunca se cansava de recordar Karim da sorte que tinha e preocupava-se que ele fizesse os trabalhos de casa, e gabava-se das conquistas dele a quem a quisesse ouvir. Tinha apenas mais sete anos que Karim, mas desde que ele entrara naquela casa que o tratava como se fosse um irmãozinho muito mais novo, carente de orientação e encorajamento. Karim não se queixava, mas às vezes sorria dos seus modos maternais, e ela sorria também. Achas que sou muito mandona, não é? É para o teu bem, alegava ela. Ali entrava às vezes no quarto

de Karim e folheava os seus livros enquanto ele fazia os trabalhos de casa ou conversava com o irmãozinho sobre desporto ou qualquer outro assunto que viesse à baila. Quando Ali estava para aí virado, recordava as patifarias que fizera nos seus tempos de estudante ou as suas façanhas desportivas, tendo certa vez reconstituído ao pormenor a entrada que fizera para impedir um golo mais do que certo.

Dois anos após o casamento e a partida da mãe para Dar es Salaam, Karim foi convidado a visitá-la. Eram também uma surpresa, uma espécie de recompensa por ter terminado a escola secundária com tão boas notas. No ano seguinte, entraria no liceu. A viagem a Dar es Salaam era a primeira que fazia desde que chegara de Pemba, e dessa nem tinha recordações. Conforme o dia da viagem se abeirava, Ali desfez-se em conselhos como se ele próprio fosse um viajante experiente. Não deixes a bagagem sozinha. Não te metas no meio de multidões. São o lugar preferido dos carteiristas. Senta-te a meio do *ferry*, não atrás. Enjoarás, se te sentares atrás. Comprou-lhe o bilhete do *ferry* e tirou partido da sua farda da Guarda Fiscal para o acompanhar ao longo do terminal, como se ele fosse uma celebridade. Karim estava ansioso em relação à chegada, pois sabia que não teria ninguém à sua espera. Mal saias do terminal, metes-te num táxi e dás a morada da tua mãe. Não há motivo para preocupações, tranquilizou-o Ali. Karim acenou com a cabeça por delicadeza, sabendo que Ali também nunca tinha estado em Dar es Salaam.

Não vira a mãe durante dois anos, não recebera nem uma carta dela, nem sequer um postal. Demorara aquele tempo todo a empreender um pequeno gesto de afecto, mas Karim estava resignado à falta de interesse da mãe. A perspectiva de a rever não lhe metia medo, apenas não sabia muito bem como iria correr o reencontro. A essa ansiedade juntava-se o medo de se perder e de, assim, fazer má figura. Como combinado, à chegada apanhou um táxi que o depositou sem percalços à porta de casa da mãe, e Karim ficou a sentir que fizera uma coisa difícil e impressionante.

Que bom ver-te, disse a mãe, com um sorriso, segurando-o pelos ombros. Vem comer qualquer coisa e depois contas-me tudo o que se tem passado contigo. Estás tão crescido e tão bem-parecido!

Lisonjeado e encantado com a satisfação da mãe, Karim sorriu. Algures nas profundezas do seu recato, não acreditava que o elogio fosse descabido. Não era a primeira pessoa a descrevê-lo como bem-parecido. Tinha dezasseis anos e começava a ficar mais encorpado, sobretudo no peito e nos ombros. Quanto ao cabelo, espesso e crespo, gostava de usá-lo mais comprido, ignorando o repetido conselho de Jalila para que o cortasse. Pareces um maluco, argumentava Jalila, mas ele gostava de se ver assim.

O marido da mãe, Haji, foi também muito acolhedor. Era um homem magro e enérgico, de tez escura e cabelo muito encaracolado e curto. Karim supunha que tinha a mesma idade da mãe. Era como se estivessem a conhecer-se pela primeira vez, após o breve encontro aquando do casamento, mas Karim não tardou a sentir-se à vontade com Haji, sempre na galhofa e na risota, mesmo quando era a expensas suas. Fizeram-lhe companhia enquanto ele almoçava – tinham almoçado antes – e iam conversando com ele. Pouco depois, Haji teve de regressar à farmácia. Raya mostrou então o quarto a Karim e, depois de se instalar, ele foi ter com ela à sala de estar. Raya fez-lhe perguntas sobre Ali, sobre os estudos e rasgou um sorriso encantado ao ouvi-lo relatar o seu sucesso nos exames mais recentes. Surpreendeu-o constatar quão à vontade se sentia com ela. Nem sempre havia sido assim.

Viviam no piso superior de uma casa que partilhavam com o pai de Haji, que ocupava as divisões do andar térreo. A sala de estar que dava para a parte da frente da casa era para seu uso exclusivo. Era aí que se sentava a ouvir o rádio, às vezes com um par de amigos que, ao fim do dia, partilhavam o rádio com ele. Karim só se cruzava com o velho melancólico e silencioso às refeições. Mal abria a boca para falar e tinha um ar abatido e prostrado, a cabeça rapada e os olhos raiados de sangue. Ao deparar com ele pela primeira vez, Karim

teve um sobressalto que por pouco conseguiu disfarçar. Pareceu-lhe uma pessoa em sofrimento, desolada. Uma tarde, viu-o sorrir. Não se recordava do que o desencadeara, mas o sorriso fora fugaz e radiante, como o Sol a irromper pelo meio das nuvens. Levou-o a interrogar-se se o ar abatido não seria um problema de saúde. Quando fez a pergunta à mãe, esta limitou-se a encolher os ombros de um modo evasivo. Era um assunto sobre o qual não devia mostrar-se curioso. Abandonou-o então e tratou de manter-se afastado do velho.

Raya tratava o marido por *mganga*, o herbolário, muito embora tal actividade fosse encarada como dúbia e comparada à bruxaria e o marido lidasse com produtos farmacêuticos respeitáveis. Ele tratava-a por *habibi*, querida, e falavam um com o outro dessa maneira afectuosa, sem ostentação ou exagero. Eram prósperos o suficiente para terem um jardineiro, o velho Juma, como Haji lhe chamava, que lá ia todas as semanas, e uma mulher, Farida, que ia duas vezes por semana tratar da roupa e fazer a limpeza. Karim conheceu-a no segundo dia da sua estada. Era uma mulher idosa, de voz suave e que não sorria ao cumprimentá-lo. Depois, dedicava-se às suas tarefas, absorta em pensamentos, ou assim parecia. Falou com ele uma vez para lhe perguntar se Raya era sua mãe. Karim achou-a cansada, exausta.

Raya tinha as suas dúvidas em relação a Farida.

Sei que ela precisa do trabalho, tendo em conta a quantidade de crianças que a filha dela não pára de dar à luz. É a Farida que acaba por criá-los, bem sei. Mas não gosto de ter empregados a vasculhar-me a casa e a surripiar-me os pertences, dizia ela.

Olhara de relance para Karim ao comentar que era Farida quem criava os netos, e interrogara-se se no comentário não havia um eco das suas próprias acções.

Não estás a ver a coisa da maneira certa, *habibi*. Sim, ela precisa do trabalho, mas também te está a ajudar com as tarefas desagradáveis, e assim tu só tens de cozinhar, coisa que tu gostas de fazer. Ela leva comida da nossa despensa e isso ajuda-a. Não lhe pagamos muito pelo trabalho. Pensa nisto como uma oportunidade de praticares o

bem e de fazeres um pouco de exercício, alegou Haji, numa tentativa de aligeirar o caso. Não tens de sair para trabalhar e, se não fizeres exercício, engordarás.

Tu bem podes engordar, disse ela, o que parecia improvável, tendo em conta que eram ambos muito magros. Sempre que precisas de mim, vou dar-te uma ajuda na farmácia. Odeio limpar e espanjar o pó, mas, ainda assim, não gosto de ter uma empregada a cirandar pela casa.

Quem há-de lavar a roupa, se não for ela, indagou Haji num tom que sugeria que aquele era o seu trunfo.

Há uma coisa chamada máquina de lavar, fez ela notar, ao que ele respondeu com uma careta.

Karim ficou um mês com a mãe e com Haji, na primeira vez que os foi visitar. Acordava tarde e passava os dias a deambular pelas ruas de Dar es Salaam, uma cidade que começava a conhecer. Ao princípio, percorria apenas a Independence Avenue e depois a Ocean Road. Mais tarde, dobrou esquinas ao acaso e confiou na sua sorte. Era emocionante vaguear e não se cruzar com pessoas conhecidas. Haji deu-lhe dinheiro quando ele chegou — uma soma elevada, na opinião de Karim —, e, durante os seus passeios, ganhou o hábito de passar por um café e comprar qualquer coisa para comer e um chá, um *paratha*, uma posta de peixe, umas chamuças ou um prato de banana-da-terra frita. Conforme se foi familiarizando com a cidade, começou a rumar numa direcção diferente a cada dia, tentando sempre encontrar o mar. Se topasse com um lugar confortável e à sombra numa praia, sentava-se e lia um dos romances policiais que na altura faziam as suas delícias. Uma sensação de perigo acompanhava-o nessas deambulações e chegou a perder-se uma vez ou outra, mas mais tarde ou mais cedo topava com um lugar que reconhecia, uma rua ou o porto, e a partir daí atinava com o caminho para casa. Voltava ao fim da tarde, enquanto a cidade se preparava para a hora de ponta. Depois do jantar, Haji ia ouvir o rádio na companhia do pai, na sala da frente, enquanto ele passava tempo com a mãe na sala do piso de cima. Tinham bastante para dizer um ao outro, tentando recuperar o tempo perdido na infância

e o silêncio desses tempos. Karim ansiava por perguntar pelo pai, mas era como se a mãe o pressentisse de cada vez que tentava abordar o assunto.

Sabes, nunca fui a Pemba, diria ele, por exemplo, mas ela descarilava-o com uma pergunta. Oh, hás-de ir, um dia, não é nada de especial. Costumas visitar o teu avô? Como está ele? Imagino que também nunca tenha visitado Pemba.

Quando a estada acabou, obrigaram-no a prometer que voltaria, e Haji deu-lhe mais dinheiro. Karim achou a mãe mais feliz e bonita do que alguma vez a vira. Sentiu também que algo mudara entre eles e que ela estava mais afectuosa com ele. Suspeitava que tal estivesse relacionado com o facto de ela estar feliz, ou porventura ela reconhecesse entretanto que o abandonara e quisesse recompensá-lo por isso.

Karim passou os dois anos restantes do percurso escolar com Ali e Jalila, satisfeito com a rotina e perturbado apenas pelos desconfortos, irritabilidade e estupidez inevitáveis na juventude. Se estivesse no quarto, Ali passava sempre por lá, à volta do trabalho e a caminho do piso de cima, para conversar uns minutos com ele, ou, se estivesse de muito bom humor, para se meter com o irmão e encenar lutas com ele. No final, subia para se juntar à mulher. Jalila deu à luz o primeiro filho perto do final desses dois anos, um rapaz a quem deram o nome de Ibrahim. Nasceu ao mesmo tempo que Karim foi notificado de que recebera uma bolsa para ir estudar para a Universidade de Dar es Salaam. É um sinal, declarou Ali, que primeiro abraçou o irmão e depois beijou o filho bebé. O pequeno Ibrahim vai ser um estudioso como o tio. O curso para o qual foi seleccionado foi-lhe atribuído sem que ele tivesse voto na matéria, Geografia e Estudos Ambientais. Karim teria preferido uma coisa mais grandiosa, como Medicina ou Economia, mas não se queixou, decidido a tirar o melhor partido do que lhe fora oferecido. A bolsa incluía também o alojamento.

Vai de férias, disse Ali. Pagam-lhe para ir de férias.

Karim e Fauzia crescem numa época de transformação da Tanzânia pós-colonial, com o advento do turismo, da tecnologia e da globalização, e a entrada no novo milénio. Estudam o que desejam, casam-se livremente e constituem família, rompendo com alguns dos códigos e tradições de gerações passadas. Já para o órfão e criado Badar, as portas parecem estar todas fechadas. Depois de ser injustamente acusado de roubo em Dar es Salaam, Badar parte para Zanzibar a convite de Karim, juntando-se a este e à sua mulher num apartamento que se tornará demasiado exíguo para os três, pondo à prova os complexos elos que os unem.

Gente da Casa é o primeiro livro de Abdulrazak Gurnah após a atribuição do Prémio Nobel de Literatura em 2021. Situado na Zanzibar da década de 1990, este romance de formação traça um retrato pungente sobre a família, a amizade, a generosidade e a dívida sob o pano de fundo dos traumas de um passado colonial ainda demasiado próximo para dele se poder escapar.

«Um romance fundamental na obra literária de Gurnah.»

The Guardian

«A primeira incursão de Gurnah na África do século XXI.»

Los Angeles Review of Books



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-650-5



9 789895 636505